



## **ALTERIDADE E VALORAÇÃO NOS CARTAZES PRODUZIDOS PARA A MARCHA DAS VADIAS**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tânia Maria Augusto Pereira; Ma. Alixandra Guedes

*Universidade Estadual da Paraíba, Universidade Federal de Campina Grande*  
[taniauepb@yahoo.com.br](mailto:taniauepb@yahoo.com.br); [alixandragm@gmail.com](mailto:alixandragm@gmail.com);

### **Palavras introdutórias**

No transcorrer das atividades diárias percebemos as mais diversas situações conflituosas que se estabelecem entre os sujeitos no processo de interação, resultantes não apenas da linguagem, mas de forças exteriores ao discurso, fortemente demarcadas por posições sociais e ideológicas instauradas no curso da interação verbal configurando uma verdadeira arena onde a oposição e a contestação dos diferentes discursos são consolidadas.

Nesse sentido, Bakhtin (2011) vê a enunciação como fato social e não apenas como ato individual de uso linguístico. Para compreendê-la se faz necessário compreender sua realização entre os sujeitos sociais. A linguagem é um fenômeno sócio-histórico e, por isso, ideológico, empregado para reafirmar e estabelecer poderes. É através da interação verbal atrelada à situação social, ampla e imediata que se constitui a realidade da língua, a produção da linguagem e a constituição dos sujeitos, por meio das marcas discursivas instala-se a heterogeneidade linguística. Logo, torna-se inviável pensar as relações humanas fora do âmbito das relações sociais, visto que a vida é, essencialmente, dialógica, polissêmica e polifônica.

Desse modo, as práticas sociais estão ligadas às práticas discursivas, que compreendem a produção, distribuição e consumo de textos; a língua e o texto assumem o lugar da materialidade discursiva através dos gêneros. Inserido nesse contexto dialógico, e sob a perspectiva da Análise Dialógica do Discurso, representada pelo Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2010, 2011, 2015), nos apropriamos de cartazes, produzidos para as diversas Marchas das Vadias realizadas durante os anos de 2015, 2016 e 2017, coletados no ambiente virtual, com o objetivo de analisarmos como a alteridade constitui-se em valoração na luta contra a repressão patriarcal.

Nosso trabalho está organizado em quatro proposições: na primeira, trazemos uma breve discussão teórica sobre dialogismo e enunciado concreto; na segunda, discorremos sobre os conceitos de alteridade e valoração segundo os estudos do Círculo (BAKHTIN, 2015, 2010, 2011;



VOLOCHÍNOV, 2013); na terceira apresentamos um sucinto histórico sobre a Marcha da Vaidas e, por fim, apresentamos a análise por nós empreendida relativa à presença da alteridade e do tom valorativo nos cartazes produzidos para as Marchas das Vaidas.

## **1. Dialogismo e enunciado concreto para o Círculo de Bakhtin**

A partir da década de 1920, o Círculo de Bakhtin buscava formular uma teoria de base materialista e sócio-histórica a respeito da linguagem. Os integrantes do Círculo procuravam compreender como os discursos, materializados através de enunciados, sejam eles das esferas da vida, sejam eles das esferas institucionalizadas, são saturados e refratados pela ideologia. Observa-se o postulado da não neutralidade dos discursos, uma vez que estes são sempre marcados pela valoração de uma dada ideologia.

Nesse contexto, a linguagem sob a perspectiva da Análise Dialógica do Discurso (doravante ADD) requer o entendimento da língua enquanto resultado, não acabado, da vida verbal em contextos específicos de comunicação e de interação. Sobral (2009, p. 35-37) aponta três planos distintos para se compreender o conceito de dialogismo: o primeiro é o de que ele designa a condição de ser e agir dos sujeitos, ou seja, o sujeito é considerado para além de seu aspecto biológico e só existe na interação com o outro.

No segundo plano, o dialogismo configura-se como condição de possibilidade do dizer, o que significa pensar que os sentidos surgem no interior das interações que já foram produzidas e daquelas que virão a se materializar. Por fim, o terceiro plano evidencia que ele é a base para composição de enunciados e discursos, visto que, até mesmo quando há um nível baixo interação (monólogo) ocorre dialogicidade, pois a simples menção a uma verdade anterior já é fonte de um dizer posterior.

Compreendendo que “a língua passa a integrar a vida através dos enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKHTIN, 2011, p. 265). No curso da interação dialógica, o enunciado apresenta como partes integrantes um projeto (a intenção do dizer), um autor (o sujeito) e a execução (a realização por parte do sujeito de sua própria intenção). Por possuir natureza ativamente responsiva, toda compreensão é desejante de resposta e é essa condição que constitui cada enunciado como um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados (BAKHTIN, 2011, p. 272).



Nesse sentido, o enunciado configura-se como a real unidade da comunicação discursiva, pois o discurso está sempre materializado em forma de enunciado pertencente a um sujeito social ativo e fora do escopo sócio-cultural fica impedido de existir. A concretude do enunciado pressupõe dois critérios: a *alternância dos sujeitos*, que definem seus contornos, já que “num dado momento, todo enunciado chega ao fim, e dá então lugar à compreensão responsiva ativo do leitor” (SOBRAL, 2009, p. 92) e o *acabamento do enunciado*, que indica que o sujeito conclui seu projeto enunciativo dando espaço para a enunciação do outro. Em ambos os aspectos, a presença do Outro é inevitável.

O enunciado abrange três elementos inter-relacionados: 1. a *conclusibilidade*, visto que a réplica, mesmo a mais breve, aponta para uma conclusão suscitada pela posição do falante; 2. o *projeto enunciativo* do sujeito, isto é o empreendimento em conceber (intencionalidade) e executar (enunciação) um objeto de sentido, liga-se ao tema e a forma; por fim, 3. as *formas típicas* dos enunciados, que são os gêneros do discurso propriamente ditos, escolhido pelo sujeito a partir de seu projeto enunciativo (SOBRAL, 2009. p. 93). O enunciado é, portanto, uma unidade de interação, com objetivo específico, materializado de acordo com a necessidade situacional e que atinge significação apenas na ação da vida real, da qual os participantes tenham conhecimento.

## 2. Sobre a alteridade e o tom valorativo

Após reconhecermos a essência dialógica da linguagem, situamos dois dos conceitos mais caros à teoria dialógica do discurso neste trabalho, o de alteridade e o de valoração. É em *Para uma filosofia do Ato Responsável* (2010) que Bakhtin nos apresenta o conceito de alteridade ao abordar o princípio da responsividade inerente a todas as relações dialógicas. Ao reconhecermos o Outro, a alteridade se estabelece numa relação de não indiferença com a vida do outro, como o nosso contemporâneo, num jogo instável, com a singularidade. Nesse processo, o Eu coloca-se na interação, não como um construtor e sim como um constructo, assim é um Eu que é pensado pelo Outro.

É na relação de alteridade que os sujeitos se arvoram em um processo que não emerge de suas próprias consciências, mas das diversas relações sócio-históricas situadas. A alteridade é inerente ao próprio ser, está contida no ser antes de tudo, porque o próprio ser é constituído por ela, e evidencia-se por meio da experiência discursiva que “se forma e se desenvolve em uma interação



constante e contínua com os enunciados individuais dos outros” (BAKHTIN, 2011, p. 294). Emana desta relação eu-Outro-Outros, em espaços discursivos sócio-histórico-culturais, a possibilidade de ampliação dos horizontes dos sujeitos, que ocorre no desdobramento dos lugares enunciativos, na multiplicidade das vozes, entre o que é dito e como se diz. Nessa perspectiva, é impossível pensar o homem destituído das relações que o ligam ao Outro.

Nesse movimento dialógico, o Outro não é somente o interlocutor imediato ou virtual. É muito mais. O outro se projeta a partir de discursos variados (passados, atuais, presumidos). São as outras vozes discursivas - posições sociais, opiniões - que vêm habitar de diferentes formas o discurso em construção. Com isso, o Outro se apresenta em diferentes graus de presença no enunciado, às vezes é visível, às vezes está escondido, mas sempre está lá; constituindo um princípio de alteridade.

Há em Bakhtin (2011, p. 114-115) uma passagem sobre o vivenciamento ativo do Eu que, a nosso ver, sintetiza bem a conceito de valoração deste autor, servindo de referência para a nossa explanação neste tópico.

Tendo da minha vivência uma lembrança axiologicamente ativa não da parte do seu conteúdo presente, tomado isoladamente, mas da parte do seu sentido antedado e do objeto, isto é, da parte do que assimilou o surgimento dele em mim, e assim torno a renovar o antedado de cada vivência minha, reúno todas as minhas vivências, reúno a mim todo não no passado, mas no futuro eternamente vindouro.

Depreendemos o quanto esta passagem de *Estética da criação verbal* explica o sentido de valoração e o faz tomando como referência a própria noção de dialogismo. O fragmento nos permite compreender que as axiologias, os pontos de vista ou os valores estão intimamente ligados ao histórico e ao seu evoluir. Em outras palavras, o vivenciamento ativo do eu é sempre uma atividade axiológica; valorar significa, portanto, dar o seu “aroma” às formas de interação verbal, “uma vez que não se trata do valor da vida para mim, mas do meu próprio valor para mim mesmo [...], eu suponho esse valor no futuro eivado de sentidos” (BAKHTIN, 2011, p. 112).

Sob essa ótica, o vivenciamento torna-se lembrança axiológica quando se refere ao caráter dialógico da linguagem. O substantivo *lembrança* usado por Bakhtin (2011) cumpre com o papel de afirmar que há “rastros” de sentidos atravessando as experiências de linguagens dos sujeitos sociais. Esses “rastros” podem ser apreendidos por meio da entonação, do estilo e do gênero escolhido para compor o ato enunciativo. Nos termos do autor, “a relação valorativa do falante com o objeto (seja



qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado” (BAKHTIN, 2011, p. 289).

Importa-nos destacar duas assertivas a respeito: a lembrança é uma forma de axiologia e a axiologia é ideológica. Na primeira, é preciso reconhecer que as valorações são vinculadas ao tempo e ao espaço, cronotopia. Daí a observação bakhtiniana na expressão “lembrança axiológicamente ativa”. Os sujeitos estão sempre implicados, ativos, nestas lembranças axiológicas/valorativas e elas mobilizam tons/apreciações diante dos eventos de interação social, convocando, para tanto, compreensões responsivas que vão ao encontro, ou não, das lembranças axiológicas.

Já na segunda assertiva – a axiologia é ideológica – as valorações possuem uma filiação ideológica historicamente situada e editada pelas pressões sociais a que tais ideologias se relacionam. Logo, a valoração tem o “aroma” e o “sabor” das instituições que determinam as possibilidades de produção de enunciados no circuito das atividades de linguagem. Assim, o enunciado é sempre resultante de uma ideologia e esta, por sua vez, sempre será social e histórica e, por isso, não pode ser compendiada à sua face empírica nem tão pouco fechada no mundo individual do sujeito (FARACO, 2009, p. 48).

Para Bakhtin (2015, p. 66), toda atividade de linguagem como, por exemplo, a manifestação verbal socialmente significativa é determinada por tons axiológicos e “cada dia tem sua conjuntura socioideológica, semântica, seu vocabulário, seu sistema de acento, seus lemas, seu desaforo e seu elogio”. A nossa relação com o mundo que nos cerca ocorre de maneira oblíqua, tendo em vista que nossas palavras adentram as camadas dos discursos sociais que recobrem as coisas. Desse modo, “nossa relação com o mundo é sempre atravessada por valores” (FARACO, 2009, p. 49).

### **3. A Marcha das Vadias**

As *Slut Walks*<sup>1</sup> surgiram em janeiro de 2011, na cidade de Toronto, no Canadá, período no qual ocorreram diversos casos de abuso sexual em mulheres na Universidade de Toronto, fato que levou o policial Michael Sanguinetti, ao falar sobre os abusos, declarar que “as mulheres deviam

---

1. A tradução de *Slut Walks* se deu de diferentes formas em decorrência das palavras utilizadas para designar *slut*. Em Portugal, foi denominada Marcha das Ordinárias e Marcha das Galdérias. Na maioria dos países de língua espanhola a tradução realizada foi Marcha de las Putas. No Brasil, a maioria das cidades participantes utiliza Marcha das Vadias, no Ceará optou-se por Marcha das Vagabundas (Informações retiradas da Internet).



evitar se vestir como vadias para não serem vítimas”. A primeira marcha levou mais de três mil pessoas às ruas de Toronto. A marcha aconteceu em vários lugares ao redor do mundo, como Los Angeles, Chicago, Buenos Aires e Amsterdã.

No Brasil foi realizada pela primeira vez em São Paulo, em junho de 2011. Trinta e cinco cidades já tiveram pelo menos uma edição da Marcha das Vadias, segundo Helene (2008), e em algumas cidades as marchas tomaram proporções maiores, a exemplo da Marcha das Vadias de Campinas – a terceira maior marcha do estado de São Paulo – que alcançou um significado expressivo devido aos numerosos casos de estupro no distrito de Barão Geraldo, onde fica a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Um dos objetivos da Marcha é adotar o conceito de “vadia” opondo-se ao estereótipo de culpa que recai sobre as mulheres agredidas em função da exposição de seus corpos, defendendo o direito de autonomia das mesmas. As Marchas são organizadas de modo descentralizado, utilizando a internet como principal ferramenta para organização e propagação do movimento, através de *blogs* e redes sociais, como o *Facebook*. Algumas Marchas estabelecem um comitê para organizar os protestos que agregam diversos coletivos, tais como assistência jurídica popular, rádios livres, anarquistas, cyberfeminismo e militantes organizadas em partidos políticos.

Como uma das características da manifestação, as mulheres costumam se vestir de modo irreverente. Com saltos altos, minissaias, *lingeries* ou, até mesmo, seminuas, as participantes criam um impacto em torno do propósito da manifestação: denunciar a violência machista. Ao pontuar as características da Marcha das Vadias, Silva Júnior (2013, p. 128) elenca “a irreverência, as cores, os corpos pintados, os cartazes com slogans irônicos e provocativos, além dos discursos e gritos de guerra que discutem abertamente temas tabus”.

Na Marcha das Vadias as mulheres lutam contra a violência sexual, marcham com seus corpos e escrevem sobre ele, no sentido de quem escreve em sua superfície e a respeito dele. Um “corpo mensagem”, palavra colada ao corpo que veicula e é veiculado. Unidos e misturados, enunciado e corpo se imbricam numa coisa só: a resistência na pele. O discurso luta e resiste materializando-se na linguagem e no corpo, o que nos leva a considerar o corpo como um lugar de inscrição do sujeito.

A autonomia sobre o corpo feminino é um dos principais itens da pauta desse movimento. “Meu corpo, minhas regras” é o *slogan* mais visto nos corpos e nos cartazes durante as Marchas,



bem como nas redes sociais. Esse emblema sempre esteve presente nas discussões dos movimentos feministas – principalmente, a chamada Segunda Onda do Feminismo, na década de 1970 – nos quais as questões relativas à mulher e à autonomia do seu corpo visam estabelecer a ruptura entre o biológico e o cultural, desconstruindo o ideário de “mulher é o sexo frágil”.

A bandeira “Nosso corpo nos pertence”, cunhada nos anos 1970, pode ser interpretada sob duas perspectivas: seja pela mercantilização dos corpos femininos, seja pelo tratamento das mulheres enquanto objetos de violência. A mercantilização é resultante da ordem patriarcal, na qual a mulher é tida como inferior e em muitos casos tratada/colocada como objeto, mercadoria, visão cristalizada pelo discurso biológico de inferiorização e solidificada pelos meios midiáticos.

Enquanto objeto de violência, a mulher é vítima da falta de autossuficiência sobre o próprio corpo, sendo impedida de decidir sobre a reprodução e/ou interrupção de gravidez. Casos ainda mais graves de violência são configurados pelas distintas formas de violência: física (como o estupro), psicológica (relação abusiva), patrimonial (menores salários), além das inúmeras formas de violência simbólica. Subjaz aos questionamentos mobilizados pelas militantes o fato de que o Estado e a Igreja decidem pela mulher, isto é, ela é subjugada às instituições, que em sua maioria são compostas por homens.

#### **4. Alteridade e Valoração nos cartazes das Marchas das Vadias**

Partimos do pressuposto que os cartazes produzidos para as diversas Marchas das Vadias, no decorrer de 2017, configuram-se como enunciados concretos, pois a materialização discursiva neles presentes são enunciações que revelam uma dada posição dos sujeitos, bem como a mobilização da alteridade para a construção do tom valorativo que acompanha toda palavra proferida no seio de uma relação dialógica. Dentre a vasta gama de cartazes produzidos desde que a Marcha das Vadias instaurou-se no país, selecionamos três cartazes, retirados de fontes *on-line*, publicados nos anos de 2015, 2016 e 2017, para empreender nossa análise.

Antes de passarmos as análises dos cartazes é preciso compreender a situação de produção que os engendra. A palavra “feminismo” foi criada em 1837, pelo filósofo francês, Charles Fourier. Desde lá, as formas de assimilar o feminismo mudaram entre ondas, vertentes e períodos. A episteme, o conjunto de valores e verdades acerca do que é bom ou mau, não fora alterado significativamente, mas as transições temporais contribuíram para o foco do feminismo durante a



história, conforme é possível constatar através de reportagens, livros, filmes e pesquisas sobre o assunto.

Assim, o cartaz figura na sociedade como um instrumento para a exposição e protesto de opiniões e desejos diante de outros sujeitos, com vista a sua adesão ou convencimento. Vejamos:

**Figura 1**



Fonte:

[http://68.media.tumblr.com/bbd993cac3b5525473d1e35302ac3078/tumblr\\_nxurwnLs7d1qkp2xyo1\\_1280.jpg](http://68.media.tumblr.com/bbd993cac3b5525473d1e35302ac3078/tumblr_nxurwnLs7d1qkp2xyo1_1280.jpg). Acesso em 25 agosto 2017

O primeiro cartaz a ser analisado (Figura 1) foi produzido em 2015, para uma marcha realizada na cidade de São Paulo. Caracteriza-se como enunciado concreto pleno, pois reverbera em sua materialidade linguística ecos de enunciados anteriores, bem como suscita respostas ao discurso materializado. Nos termos de Bakhtin (2011, p. 275), “Todo enunciado [...] tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, os enunciados de outros; depois de seu término, os enunciados responsivos de outros [...]”.

No cartaz temos uma jovem, trajando camiseta preta, com os cabelos repousados sobre o ombro esquerdo e em seu rosto, que aparece parcialmente na foto, vê-se o símbolo do feminino, feito na cor vermelha. Ela segura um cartaz no qual

está escrito “*Meu útero não é dinheiro na Suíça para ser da sua conta*”. A escolha pela expressão “*Meu útero*” é valorada pela saturação que a palavra *útero* possui na sociedade, que é indicativa da “fragilidade feminina”, e sua escolha junto ao pronome possessivo “*meu*” figura como poder contra o discurso hegemônico dentro de uma história de misógina secular, como também indica a soberania sobre o próprio corpo, trazendo uma noção de pertencimento – o que é meu só diz respeito a mim.

Na época em que o cartaz foi produzido, estava em tramitação na Câmara dos Deputados a proposta da PL 5069, feita pelo deputado Eduardo Cunha que foi apelidada de “PL do estupro”. Nesse mesmo íterim, foi descoberta na Suíça uma conta do referido deputado o que gerou significativa comoção social, em especial pelos movimentos sociais. O fragmento do enunciado “*não é dinheiro na Suíça*” sugere a retomada de enunciados proferidos numa outra esfera enunciativa – a esfera política – para que ocorra o entendimento. A *Suíça*, sendo um paraíso fiscal, seria o elo que se liga ao discurso da corrupção, estabelecido no âmbito da lavagem de dinheiro. A



comparação entre o útero e a conta na Suíça estabelece uma relação de alteridade às avessas que contribui para a valoração do discurso feminista como um discurso de ética e honestidade. O fim do enunciado “*para ser da sua conta*” é criado a partir de algo que já está socialmente dado e estabelecido no discurso coloquial, como algo que a ninguém compete além dos enunciados, no caso a mulher. Passemos à análise do segundo cartaz.

**Figura 2**



Fonte: <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/236x/bb/5d/7c/bb5d7ce7989dbde55882f88757b7f7be.jpg>  
Acesso em 25 agosto 2017

O cartaz em análise (Figura 2) foi produzido por ocasião da Marcha da Vadias ocorrida em Curitiba, em 2016. Temos uma jovem com expressão séria ao ser fotografada; em seu rosto vemos, também, o símbolo do feminino. Com os braços levantados acima da cabeça, ela segura um cartaz no qual está enunciado “*O estupro veio antes da mini saia*”.

Para Bakhtin (2016, p. 98), “só o enunciado tem uma relação *imediate* com a realidade e com a pessoa viva falante (sujeito) (Grifo do autor)”, fato que evidencia a relação dialógica estabelecida com os leitores, pelo cartaz, ultrapassando os limites estabelecidos pelo tempo, pois o estupro feminino remota a períodos mais antigos que o surgimento da minissaia. Esta vestimenta que figura na sociedade como símbolo de feminismo, nasceu da década de 60 e foi criada por Mary Quant, estilista

britânica que fazia as próprias roupas na juventude e considerava as peças da alta costura feias.

Os anos 60 foram marcados por uma mudança significativa na sociedade, se antes os jovens seguiam os moldes estabelecidos pelos pais e os avôs, nesta década passaram a agir com mais autonomia. Essa mudança refletiu nas diversas áreas da sociedade, na música (*Rock'n roll*), nas artes (movimento *Pop Art*), no estilo de vida (movimento *Hippie*), todas produzidas pela efervescência da geração *Baby Boomer*, do pós Segunda Guerra Mundial.<sup>2</sup> Assim, a minissaia circula na sociedade como um ícone de libertação feminina e quebra de paradigmas.

Ao trazer um ícone da libertação feminina frente aos padrões impostos socialmente, o cartaz conduz a lembrança de que a violência sofrida pelas mulheres não reside na escolha das vestimentas e sim na postura da parcela masculina da sociedade, resguardada pela formação machista,

<sup>2</sup> Informações coletadas do site <http://www.modadesubculturas.com.br> e do blog <http://blog.pontofashion.com>. Acesso em 02 de setembro de 2017.



conservadora e preconceituosa sobre o ser feminino. Por meio da palavra “*mini saia*” a alteridade se manifesta e atualiza os sentidos de ser mulher, visto que “a palavra é a ponte que liga o eu e o Outro” e “o pensamento já nasce do pensamento do outro, estabelecendo relação com o Outro” (DURAN, 2014, p. 149)

O enunciado materializado no cartaz convoca o leitor a refletir sobre o histórico de violência sofrido pelas mulheres e refrata a indignação da participante da Marcha ao expor que, ao contrário do que está cristalizado na sociedade, a responsabilidade pelo estupro não é da vestimenta da vítima e sim da conduta violenta do esturpador. O tom valorativo do cartaz reside na “relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido de seu enunciado” (BAKHTIN, 2016, P. 47), refratada pela construção frasal afirmativa e incisiva. Prosseguindo, chegamos ao último cartaz.

**Figura 3**



Fonte:

<http://www.bemparana.com.br/fotos/664/marcha-das-vadias> Acesso em 25 agosto 2017

A Figura 3 é composta pelas imagens de várias mulheres durante a Marcha que aconteceu em janeiro do corrente em ano, em Curitiba, PR; intitulada “Nem uma a menos” em resposta à chacina registrada em Campinas, SP, durante a virada do ano, motivada por ódio às mulheres fez treze vítimas. No centro da Figura, temos uma jovem vestida de preto, com cabelos soltos e o símbolo do feminino na lateral direita do rosto, segurando um cartaz que tem o enunciado concreto “*Machismo Mata!*”

A escolha por este cartaz se deu por acreditarmos que enquanto enunciado concreto, que encontra e produz ecos na vida real, sua materialidade linguística encerra o cerne da violência contra a mulher. O substantivo “*Machismo*” traz em si uma gama de sentidos produzidos, valorados e reproduzidos ao longo dos séculos. Entendemos, assim, que as palavras “podem abastecer qualquer falante e os juízos de valor mais diversos e diametralmente opostos dos falantes” (BAKHTIN, 2016, p. 48) e que, por isso, “viver uma experiência, pensar um pensamento, ou seja, não estar, de modo algum, indiferente a ele, significa antes afirmá-lo de uma maneira emotivo-volitiva” (BAKHTIN, 2010, p. 87), isto é, a escolha pelo sujeito, produtor do cartaz, da palavra



“*Machismo*” se dá como forma de valorar o horizonte social existente e nele, através da alteridade, afirma-se enquanto mulher.

Na continuação do enunciado que constitui o terceiro cartaz, encontramos o verbo “*mata!*”, seguido pelo sinal de pontuação de exclamação, que revela para o leitor a entonação expressiva do ato enunciativo materializado. Mesmo que não se trate de um enunciado oral – no qual ocorre naturalmente a entonação expressiva – compreendemos que devido às condições político-sociais este enunciado adquiriu um peso específico, tornando-se, desse modo, um enunciado exclamativo expressivo (BAKHTIN, 2016, p. 49). Para nós, a construção exclamativa-imperativa, novamente, ressalta a relação de alteridade às avessas: sou mulher, vítima do machismo, me construo na resistência a essa conduta social.

Compreendemos, assim, que os enunciados materializados nos cartazes produzidos para as diversas Marchas das Vadias, realizadas no país ao longo dos últimos três anos, apontam para resistência da mulher frente à sociedade machista e misógina. O tom valorativo e as relações alteritárias presentes nos enunciados revelam a luta das mulheres pelo direito à vida e às decisões sobre o próprio corpo.

### **Um encerramento provisório...**

A partir das reflexões realizadas durante nossa análise, nos foi possibilitado vislumbrar que o enunciado é resultado de relações dialógicas, que acontecem em situações sócio-históricas de produção. Compreendemos, dessa forma, que o sujeito mulher constitui-se na sociedade através de relações de alteridade direta com seus pares – outras mulheres que também são vítimas da misoginia – ou por meio da alteridade às avessas, pela total rejeição à postura do homem machista e violento.

Entendemos que a Marcha das Vadias figura na sociedade como um movimento que permite explorar as relações de continuidade e mudança, por intermédio da retomada de sentidos, já que todos os enunciados são elos na corrente da comunicação discursiva. De modo geral, a questão do movimento é a reivindicação da autonomia feminina, em especial, no que se refere às disposições corporais. Este anseio fica evidente na entonação expressiva presente na materialização discursiva dos cartazes produzidos para as Marchas. Desse modo, intuímos que o processo de valoração não é um ato individual e sim coletivo, apoiado na ideologia de uma determinada comunidade discursiva,



e é a sua compreensão que viabiliza a alteridade entre as partes envolvidas – mulheres que reivindicam o direito à escolha.

Com isso, reafirmamos que os enunciados analisados constituem-se como enunciados concretos, pois o *projeto enunciativo* dos sujeitos produtores foi alcançado, ao se ligarem a um tema de relevância social e terem sido materializados na forma do *gênero* cartaz, conforme demandava a necessidade situacional, tendo, portanto, sua *conclusibilidade* alcançada ao serem lidos durante a manifestação. Somam-se a estes aspectos o tom valorativo dos sujeitos envolvidos na situação comunicativa e o princípio da alteridade sob o qual todos nós nos constituímos.

## Referências

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Para uma filosofia do Ato Responsável*. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução, posfácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2015.
- \_\_\_\_\_. *Os gêneros do discurso*. Tradução, posfácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: 34, 2016.
- DURAN, G. R. Identidade e Alteridade refletidas no espelho. In.: MOURA, M. I. de. & MIOTELLO, V. (Orgs.). *A alteridade como lugar de incompletude*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014.
- FARACO, C.A. *Linguagens e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- HELENE, Diana. *Se cuida seu machista, a América latina vai ser toda feminista*. Disponível em: <http://mstrio.casadomato.org/se-cuida-seu-machista-a-america-latina-vai-ser-toda-feminista/> Acesso em: 05 de jul. 2014.
- VOLOCHÍNOV. V.N. [1926]. A palavra na vida e a palavra na poesia: introdução ao problema da poética sociológica. \_\_\_\_\_. *A construção da enunciação e outros ensaios*. Organização, tradução e notas de João Wanderlei Geraldi. Edição e supervisão da tradução de Valdemir Miotello. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2013.
- SILVA JR, José Geraldo. Conexão e ação: a utilização estratégica da internet pela Marcha das Vadias para mobilização social e ação coletiva no espaço virtual e no território urbano. In: PANKE, Luciana; MACEDO, Roberto Gondo; ROCHA, Daniela (Orgs) *A mobilização social no contexto político e eleitoral*. Capivari, SP: Nova Consciência, 2013, p. 125-146.
- SOBRAL, A. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin*. Campinas - SP: Mercado de Letras, 2009.